

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PROCESSOS GERENCIAIS**

Rafael Pires da Silva

**JOVENS EDUCADOS, ADULTOS PRÓSPEROS: A IMPORTÂNCIA DA
EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SEUS IMPACTOS NOS ADOLESCENTES DO VALE
DO CAÍ**

Feliz

2017

Rafael Pires da Silva

**JOVENS EDUCADOS, ADULTOS PRÓSPEROS: A IMPORTÂNCIA DA
EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SEUS IMPACTOS NOS ADOLESCENTES DO VALE
DO CAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus Feliz*, como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Processos Gerenciais.

Orientadora: Prof^a Ma. Cristina Ceribola Crespam

**Feliz
2017**

Rafael Pires da Silva

**JOVENS EDUCADOS, ADULTOS PRÓSPEROS: A IMPORTÂNCIA DA
EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SEUS IMPACTOS NOS ADOLESCENTES DO VALE
DO CAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus Feliz*, como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Processos Gerenciais.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a Ma. Cristina Ceribola Crespam

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz

Prof^a. Ma. Andréia Veridiana Antich

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz

Prof. Me. Bruno Cesar Brito Miyamoto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, de quem tiro minhas bases, e em quem sempre me espelhei e continuarei a me espelhar.

Agradeço a minha esposa, que sempre me inspira e me incentiva, pela generosidade, pelo apoio e por me demonstrar que as coisas mais valiosas da vida, não há dinheiro que possa comprar.

Agradeço aos meus mestres, mas de maneira muito especial, agradeço a professora Cristina Ceribola Crespam, a quem devo muito pelas contribuições neste trabalho, e a todo suporte necessário para chegar ao final desta etapa.

Agradeço ao Colégio Estadual Professor Jacob Milton Bennemann, a Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José Becker, a Escola Estadual de Ensino Médio Felipe Camarão e ao Instituto Estadual de Educação Paulo Freire que abriram suas portas e me permitiram conhecer seus alunos.

Agradeço também a todos amigos que colaboraram para a conclusão deste trabalho, da maneira que for.

RESUMO

Estudos anteriores identificam o Brasil como um país em que a educação financeira não fez parte da realidade da população, no entanto se esta ferramenta for aplicada corretamente durante a juventude, pode construir as fundações de uma saudável relação com o dinheiro durante o resto da vida conforme argumentado pela Organização de Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE). Este estudo apresenta como objetivo geral analisar como os adolescentes estudantes do ensino médio residentes no Vale do Caí – RS administram o seu dinheiro. Para embasar o trabalho apresentaram-se os seguintes temas, origem e a evolução da moeda, inflação, planejamento e educação financeira pessoal, tanto no Brasil quanto no mundo, o poder de compra, e os ganhos em educar-se financeiramente, este trabalho tratou-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa, por meio do uso de técnicas estatísticas atendeu aos objetivos propostos, pois se percebeu que dentre os jovens que possuem algum tipo de renda fixa, seja via mesada ou remuneração laboral, os conceitos de educação financeira estão mais presentes no cotidiano e são comumente aplicados nos hábitos gerais em relação aos que recebem dinheiro conforme a necessidade.

Palavras-chave: Finanças, educação, planejamento, jovens.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variáveis de Perfil	27
Tabela 2: Fonte de Renda	28
Tabela 3: Relação entre valores recebidos.....	28
Tabela 4: Valores de remuneração	29
Tabela 5: Reservas de dinheiro	29
Tabela 6: Tamanho das Reservas	29
Tabela 7: Conselhos financeiros	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Correlação dos Fatores Ligados a Reserva de Dinheiro.....	30
Quadro 2: Correlação entre Variáveis	32
Quadro 3: Diferenças de Médias para Valores Monetários Recebidos	33
Quadro 4: Diferenças de Médias para Faixa de Renda Mensal.....	34
Quadro 5: Diferenças de Médias para Possuir Reservas Econômicas.....	35
Quadro 6: Diferenças de Médias para Percentual das Reservas.....	36
Quadro 7: Diferenças de Médias para Influência dos pais	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	9
1.2	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	9
1.3	JUSTIFICATIVA.....	9
1.4	OBJETIVO GERAL	10
1.5	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	ORIGENS E CONCEITOS DA MOEDA	11
2.2	A INSTABILIDADE DA MOEDA BRASILEIRA	12
2.3	DEFINIÇÕES DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL.....	13
2.4	A EDUCAÇÃO FINANCEIRA	13
2.4.1	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO MUNDO	14
2.4.2	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL	15
2.4.3	AS ESCOLAS E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA	17
2.4.4	O PERFIL E A FORMAÇÃO DOS ALUNOS	18
2.5	O PODER DE CONSUMO DOS JOVENS	19
2.6	GANHOS EM ENSINAR FINANÇAS PESSOAIS AOS JOVENS.....	20
2.7	RESULTADOS DE PESQUISAS ANTERIORES	21
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1	MÉTODO ESCOLHIDO E JUSTIFICATIVA.....	23
3.2	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	24
3.2.1	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS:	24
3.2.2	APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:.....	25
3.3	ANÁLISE DOS DADOS	25
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27
4.1	PERFIL DOS RESPONDENTES.....	27

4.1.1	PERFIL DEMOGRÁFICO	27
4.1.2	PERFIL ECONÔMICO	28
4.2	RELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS	31
4.2.1	DIFERENÇAS ENTRE AS VARIÁVEIS DE PERFIL ECONÔMICO..	33
4.2.1.1	Fontes de renda	33
4.2.1.2	Faixa de remuneração	34
4.2.1.3	Reservas econômicas	35
4.2.1.4	Influencia familiar	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o dinheiro é tão usual e banal quanto o ar que respiramos, fazendo parte da nossa vida antes mesmo do nascimento, pois uma criança já está movimentando, mesmo que indiretamente, a economia capitalista instalada.

Mesmo que crianças e adolescentes tenham contato com o dinheiro tanto em casa quanto na escola, seja por meio das pequenas moedas, das cédulas de diversas cores, tamanhos e desenhos ou através dos cartões de crédito ou débito ou até mesmo do dinheiro eletrônico, que não existe fisicamente, mas que nem por isso deixa de existir, ainda assim o assunto é pouco debatido.

Como afirma Krummenauer (2011, p. 13) “[...] assim como as escolas lecionam português e matemática, elas deveriam também ensinar seus alunos sobre conceitos e noções de educação financeira.”

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O presente trabalho visa um aprofundamento do estudo de finanças pessoais, e os transtornos decorrentes disso na economia e na vida do cidadão, desde a adolescência. Seu objetivo será analisar como os adolescentes estudantes do ensino médio residentes no Vale do Caí – RS administram o seu dinheiro.

1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Como os adolescentes estudantes do ensino médio residentes no Vale do Caí – RS administram o seu dinheiro?

1.3 JUSTIFICATIVA

No mundo atual estamos ligados ao dinheiro desde o momento do nascimento, e ao passo que crescemos este se torna um item cada vez mais determinante no que diz respeito a nossa qualidade de vida. Hoje as crianças conhecem esse mundo capitalista cada vez mais

jovens, e como tudo na vida, o devido respeito e valor ao dinheiro só é dado quando se conhece sua real importância.

Sendo o Brasil, um país marcado por uma constante instabilidade econômica e por alta inflação, falar em educação financeira era totalmente descontextualizado até poucos anos atrás.

D'Aquino (2008) afirma que como não tivemos essa educação e ainda sentimos as profundas marcas dessa cultura, devemos voltar nossa atenção para rompermos este círculo vicioso.

Assim este estudo se justifica por proporcionar uma nova possibilidade para a comunidade escolar, convidando-a para abrir suas fronteiras e acolher a educação financeira entre os demais conteúdos ensinados para as crianças e adolescentes. Conforme dito por Tiba (2005) justamente pelo dever da escola de acompanhar o desenvolvimento da sociedade como um todo, deve a mesma apoiar todo e qualquer estudo na área de finanças pessoais.

Para a sociedade, a viabilidade deste estudo está na formação de uma nova cultura na qual estará inserida a consciência das decisões financeiras tomadas e das consequências assumidas com estas, criando um futuro mais promissor para cada membro da sociedade.

1.4 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é analisar como os adolescentes estudantes do ensino médio residentes no Vale do Caí – RS administram o seu dinheiro.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo geral definido, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar o perfil demográfico dos estudantes do ensino médio do Vale do Caí;
- b) Identificar o perfil econômico dos estudantes do ensino médio do Vale do Caí;
- c) Avaliar a importância da educação financeira e seu impacto na vida dos estudantes;
- d) Descrever a forma como os estudantes do ensino médio tratam das suas próprias finanças;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados alguns conceitos e fatos históricos sobre o dinheiro, sua origem, e como se comportou ao longo da história brasileira. Também serão abordados conceitos sobre planejamento financeiro pessoal, a importância da educação financeira para crianças e jovens, assim como o papel dos pais e da escola para a formação financeira.

2.1 ORIGENS E CONCEITOS DA MOEDA

O dinheiro segundo Robert (1982), é fruto do desenvolvimento da sociedade e da necessidade de um instrumento para intermediar as relações comerciais. Mas mesmo antes de sua criação, os povos já praticavam a permuta dos bens de consumo através do escambo. À medida que os povos deixaram a vida nômade e estabeleciam-se em delimitadas áreas, originou-se a divisão do trabalho. Dos primeiros agricultores, pastores, artesões dentre outros se ampliaram os bens e serviços exigidos para a satisfação humana, e neste novo cenário, para permitir o desenvolvimento das trocas o escambo cedeu lugar a processos indiretos de pagamento.

Neste momento surge a moeda, conforme Robert (1982, p.22),

[...] isso se deve ao próprio desenvolvimento da produção. Ela acarretou a necessidade do surgimento do dinheiro, ou seja, exigiu que, dos milhões de diferentes artigos, um deles se destacasse e que por ele fosse possível trocar todos os demais artigos.

Segundo Carrion (1998), a moeda exerce quatro funções principais: *operar como meio de troca*, ou seja, aceita pelo consenso geral, como meio de extinguir dívidas. Podendo ser utilizada para realizar quaisquer tipos de pagamento e assegura ao seu detentor o direito de exigir da sociedade quaisquer bens de valor correspondente; *servir como denominador comum de valores*, gerando um padrão de avaliação de todos os bens e serviços que são postos no mercado; *funcionar como reserva de valor*, função esta que permite as pessoas pouparem, deixando de comprar hoje para fazê-lo em outra ocasião, ou simplesmente aplicarem este valor; e por fim, *ter utilidade para pagamentos futuros*, é esta última função de suma relevância, por facilitar assim a criação do crédito, ou seja, que as dívidas sejam transferidas para uma data futura definida, sendo assim supõe-se que a moeda seja um reservatório estável de valor.

2.2 A INSTABILIDADE DA MOEDA BRASILEIRA

Segundo Lopes e Rossetti (2009, p. 349) "Uma das características marcantes da história econômica do Brasil é a ocorrência de longos períodos de instabilidade econômica."

Começando com o déficit no Tesouro causado pela vinda da Família Real de Portugal para o Brasil, em 1808 e seus gastos extraordinários, a insuficiência da arrecadação de impostos, as guerras externas e as revoluções internas. Seguido pelo período pós 1822, ano da Independência Brasileira, devido às dificuldades em organizar a nova nação.

No século XX, a grande depressão dos anos 30, a industrialização da década de 50 e uma nova capital para o Brasil, acarretaram na maior fase de aceleração da inflação brasileira, ocasionando um enorme endividamento interno e externo, houve então a necessidade de readequar a moeda para que o processo de contabilidade fosse mais adequado as somas, que se mostraram cada vez mais volumosas devido ao descontrole monetário. Perante este cenário de instabilidade a alteração da moeda foi realizada oito vezes em 52 anos (1942 a 1994), seis desta acontecendo dentro de um período de 20 anos.

Conforme descrito por Frankenberg (1999), em 1942 foi criado o Cruzeiro; que em 1967 deu lugar ao Cruzeiro Novo; em 1970, o Cruzeiro Novo volta a ser chamado apenas de Cruzeiro. Em 1986, a moeda passa a ser o Cruzado, e em 1989 o Cruzado transforma se em Cruzado Novo. Em 1990 ocorre a ressurreição do Cruzeiro, simultâneo ao polêmico episódio do bloqueio da poupança popular, e em 1993 a moeda tornou-se o Cruzeiro Real. Finalmente em 1994, quando é instalado o Real, a moeda que trouxe estabilidade para a economia brasileira.

Frankenberg (1999) afirma que estas décadas de hiperinflação e seus efeitos instituíram conceitos errôneos na população a respeito da importância de possuir reservas para os imprevistos da vida. O temor de perder poder aquisitivo levava ao consumo imediato de toda a renda. E esse convívio constante com a instabilidade econômica mostra seus reflexos até hoje, por isso que entender os processos que envolvem as finanças é de ordem fundamental na vida de crianças e adolescentes.

2.3 DEFINIÇÕES DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

Segundo Gitman (2004, p. 4), “Podemos definir finanças como a arte e a ciência da gestão do dinheiro”. O autor menciona ainda que o planejamento financeiro começa com os planos de longo prazo, os quais orientam planos e orçamentos de curto prazo.

Outro conceito diz que, “Planejamento financeiro pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que vão formar o patrimônio de uma pessoa e de uma família” (FRANKENBERG, 1999, p.31).

Cerbasi (2004) afirma que, o objetivo do planejamento financeiro pessoal vai além de não ficar no vermelho. Tão importante quanto conquistar um padrão de vida, é mantê-lo, e é para isso que o planejamento financeiro deve ser usado.

Entender os processos que envolvem as finanças é de ordem fundamental, pois permite melhores tomadas de decisões financeiras, e é por isso que os conceitos citados anteriormente devem estar presentes na vida de crianças e adolescentes.

2.4 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira possibilita às pessoas maior naturalidade e facilidade acerca das decisões sobre a gestão financeira pessoal. Para isso, há a necessidade da transmissão de conhecimentos, da ampliação e da prática cotidiana das habilidades financeiras. No Brasil, porém a educação financeira não é prática nem da família, tampouco da escola, deixando as crianças e jovens deficientes no que tange lidar com o dinheiro.

Pinheiro (2008, p. 2) define educação financeira como “[...] a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas apropriadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de vida.”.

Para Modernell, (2010), “Educação financeira é um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais.”.

Segundo Matta (2007, p. 7) “A educação financeira pessoal é um conjunto de informações que ajudam as pessoas a lidarem com a sua renda, com a gestão do dinheiro, com gastos e empréstimos, poupanças e investimentos.”.

De acordo com a OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (2005, apud Brasil, Projeto de lei N° 206/2009, 2009, p. 2),

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros de maneira que com informação, formação e orientação claras possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda, adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar e, assim, tenham a possibilidade de contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

Analisando a importância destes conceitos sob a perspectiva do bem-estar pessoal. Lucci et al (2011) afirmam que a falta de conhecimento e de disciplina financeira levam jovens e adultos a tomar decisões comprometedoras ao seu futuro, e as consequências vão desde desorganização das contas domésticas até a inclusão do nome em sistemas como SPC/SERASA (Serviço de Proteção ao Crédito), que em muitos casos, podem prejudicar a carreira profissional.

2.4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO MUNDO

O processo de educação financeira é algo intrínseco a alguns países, estando sempre em evolução e desenvolvimento de forma intensa. Nos países europeus, principalmente os que enfrentaram os problemas e a recuperação de duas guerras mundiais, é maior o sentimento de responsabilidade de ensinar aos jovens a controlar os gastos, economizar, investir, ou seja, a utilizar conscientemente o dinheiro.

Com ajuda da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) esses países desenvolvem programas e projetos de educação financeira. A OCDE é um organismo criado em 1961, atualmente formada por 34 países e segundo SAITO et al (2006, p. 4):

[...] preocupa-se com o aperfeiçoamento das práticas de educação financeira do setor público e privado, ao buscar o fortalecimento das instituições democráticas, da economia de mercado, e da economia globalizada, produzindo estudos, publicações e recomendações para esses países.

De acordo com Oliveira (2012, p.5):

Desde 2003, a OCDE desenvolve programa de educação financeira em âmbito mundial, com o objetivo de promover a cooperação internacional a respeito do tema e incentivar a criação de programas de educação financeira nacionais. Países como Estados Unidos, Nova Zelândia, Japão, Canadá, Espanha e Irlanda já lançaram suas respectivas Estratégias Nacionais de Educação Financeira, considerando as realidades locais.

O Brasil ainda não é membro, mas desde 2007 participa de comitês e grupos de trabalho desta instituição. Entretanto para Savoia et al (2007), o Brasil tem dois grandes obstáculos a superar para o êxito desses programas, o orçamento necessário para a sua implantação, e a reduzida compreensão da população sobre os benefícios oriundos da educação financeira.

Vieira et al (2011) afirmam que nos Estados Unidos a educação financeira tem caráter obrigatório na grade curricular das escolas secundárias, ação que facilita que o indivíduo poupe e acumule riqueza na fase adulta.

Savoia et al (2007) complementa esta informação destacando que no Reino Unido a educação financeira é facultativa no currículo escolar desde 2001. Entretanto possui várias instituições envolvidas no processo de capacitação financeira, alguns direcionados para as escolas, outros para adultos.

Sendo assim, mesmo que a educação financeira não esteja acompanhando o indivíduo desde a juventude, é importante que existam projetos e programas para que mesmo na vida adulta seja possível adquirir aptidões para administrar as suas finanças.

2.4.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

A educação financeira no Brasil ainda carece de foco para que a população desenvolva suas capacidades financeiras, resultando em comprometimento dos seus ganhos e problemas financeiros indesejados.

Segundo Frankenberg (1999, p. 39),

No Brasil, pouca ou nenhuma educação financeira, muitos anos de inflação, desinformação e erros cometidos por sucessivos governos do passado resultaram em conceitos financeiros errôneos, absorvidos sem contestação e passivamente pela população.

Em um país no qual falta o incentivo para educação financeira, somado ao aumento do poder aquisitivo, e uma grande onda de consumo, origina uma situação econômica insustentável, pois é estimulada por um mau uso do dinheiro.

Para Wisniewski (2011, p.160),

A falta de controle financeiro e o endividamento das famílias em decorrência dos padrões elevados de consumo, afeta não só a saúde financeira pessoal, mas o desenvolvimento das economias e sua sustentabilidade no longo prazo.

Cabral (2013) afirma que nas classes sociais mais baixas ao terem acesso a demandas anteriormente reprimidas, devido as atuais facilidades de crédito, tem aumentado seu endividamento. De forma mais minuciosa aponta,

O consumo desenfreado de bens e serviços estimula o aumento do preço dos produtos, que por sua vez elevam o nível de inflação, desvalorizam a renda pessoal disponível e lançam os consumidores aos empréstimos pessoais, aos cartões de crédito, a utilização de limites de cheque especial, que no final desse ciclo terão um grande desequilíbrio financeiro. (CABRAL, 2013, p.6)

Para Wisniewski (2011, p. 161) “[...] além da importância do consumo consciente, do hábito de poupar e do planejamento financeiro, destaca-se a importância da poupança para a formação do investimento, representando uma forma de garantia para o futuro.”

Vieira et al (2011) salientam que o governo brasileiro instituiu em 2007, um grupo de trabalho com representantes do Banco Central do Brasil (BACEN), da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), da Secretária de Previdência Complementar (SPC) e da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), para desenvolver uma estratégia nacional de educação financeira, e promover pesquisas para mapear o conhecimento financeiro da população brasileira. Constituindo então uma proposição de Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).

Em 2010 o projeto foi instituído em algumas escolas selecionadas, os professores receberam treinamento, e os alunos receberam material didático para trabalhar em ações que promovam a educação financeira no país. Hoje o ENEF envolve 2900 escolas públicas distribuídas entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais,

Ceará, Goiás, Tocantins, Rio Grande do Norte e Distrito Federal. A maioria dos alunos participantes tem idade entre 19 e 29 anos (VIDA E DINHEIRO, 2016).

Em 2011 foi divulgado pelo jornal O Globo um estudo elaborado pelo Banco Mundial, com alunos que participam do projeto ENEF no estado do Rio de Janeiro com finalidade de mensurar os impactos do programa. Para gerar uma base de dados passível de comparações a ENEF foi aplicado a metade dos alunos. “O programa não criou uma cadeira específica de finanças nos colégios, embora tenha distribuído livro para os alunos e professores. O tema foi, na verdade, tratado nas aulas da grade regular [...]”. (BÔAS, 2011).

Conforme pesquisa realizada em 2010, pelo Banco Mundial durante um workshop no Rio de Janeiro, e mencionada por Ramos (2015), conclui-se que estes alunos, se comparados com aqueles que não recebem nenhum tipo de formação sobre o assunto, estão mais preparados para lidar com dinheiro gastos, poupança e investimentos, já que o entendimento de contextos econômicos, análise do orçamento familiar e inflação, que antes era compreendido por 33% dos entrevistados, elevou-se para 36% dentre os alunos que tiveram as aulas da ENEF.

Apesar da pequena diferença, o resultado foi considerado satisfatório pois o Brasil foi o país onde mais se constatou o impacto da educação financeira se comparado com os demais países que passaram por esse mesmo teste.

2.4.3 AS ESCOLAS E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Embora as escolas objetivem preparar os jovens para que possam enfrentar as inúmeras situações cotidianas, este ainda é um desafio encontrado em virtude das condições socioculturais do nosso país. E como aponta Cerbasi (2006 p. 30), “[...] a intensa competitividade do mercado de trabalho, e o aumento do grau de expectativa dos pais em relação ao futuro desempenho profissional dos filhos vêm transformando parte das escolas em fábrica de vestibulandos”.

A disciplina de educação financeira por não ser parte do currículo definido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), é desenvolvida geralmente em escolas particulares. E mesmo nesse universo, poucas são as instituições que optam por incluir a disciplina em sua grade. Cerbasi (2006) ainda menciona os educadores, são pertencentes a uma geração que não foi educada financeiramente e assim despreparada para ensinar estes conceitos.

A respeito da grade curricular Martins (2004, p.5) afirma,

Uma criança passa oito anos no ensino fundamental, três anos no ensino médio e, durante esses onze anos de educação básica, é obrigada a memorizar nomes e datas de pouca utilidade na vida real. Nesses onze anos, o aluno não estuda noções de comércio, economia, finanças ou impostos. O sistema educacional ignora o assunto “dinheiro”, algo incompreensível, já que a alfabetização financeira é fundamental para ser bem-sucedido em mundo complexo. Se fizer um curso universitário fora da área econômica, o estudante completará a sua formação superior sem noções de finanças. Não tenho dúvida que essa falha é responsável por muitos fracassos pessoais e familiares.

2.4.4 O PERFIL E A FORMAÇÃO DOS ALUNOS

Diante da lacuna em nosso sistema de ensino no que tange os processos de educação financeira, é importante identificar o perfil dos jovens formandos do ensino médio regular e seu processo de formação.

Conforme Souki e Neto (2007), os estudantes do ensino médio percebem a qualidade dos serviços de ensino através dos seguintes fatores: Professores (relacionamento, capacidade técnica e responsabilidade), Organização administrativa e comunicação, Infraestrutura, Liberdade de expressão e de diálogo, Qualidade dos serviços, Biblioteca e Ambiente.

Como observado os fatores que envolvem relações humanas tiveram sua importância destacada sobre outros, o que demonstra a sensibilidade, muitas vezes subestimada, desses jovens perante questões que impactam em suas vidas.

Esta sensibilidade pode ser observada também em relação a percepção das exigências do mercado de trabalho. Baseados nas competências individuais requeridas aos profissionais no mercado de trabalho descritas por Sant’Anna, (2002), e como estas estão sendo desenvolvidas no ensino médio foram destacadas as soluções propostas para o aperfeiçoamento do currículo escolar:

Foram explicitamente citados: a) Estabelecimento de parcerias com empresas onde possa haver visitas, incentivos e premiações que mostrem aos alunos a realidade das empresas e os estimulem a refletir sobre como eles estão quanto a esta realidade; b) Criação de minicursos seriados aos fins de semana com divulgação e incentivo aos alunos para participação; c) Inscrição dos alunos em órgãos de inserção no mercado de trabalho; d) Conscientização dos alunos sobre as atuais políticas governamentais na área, como por exemplo, “o programa 1º emprego”) Implantação de programas de integração, objetivando conexão com o mercado de trabalho extraescolar, para os professores e demais

colaboradores envolvidos no processo. (SILVA, VASCONCELOS, 2008, p. 15)

Mesmo que estes jovens, aparentemente maduros e esclarecidos a respeito de sua formação tornem-se profissionais capacitados, a lacuna da falta da educação financeira em suas vidas, por mais bem-sucedido que seja profissionalmente, ocasionará frustrações.

Como dito por Kioyosaki (2000, p. 81),

[...] milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões, mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progredem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo [...] Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente, mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas.

2.5 O PODER DE CONSUMO DOS JOVENS

De acordo com Rubens (2003) “O poder de consumo dos jovens é um filão que anima vários setores da economia. Há em curso uma corrida para conquistar o coração dessa rapaziada (e o bolso dos pais)”.

Para Rocha e Barros (2004) consumo é como um código, através do qual é traduzida grande parte das relações sociais. Desta tradução forma-se um sistema de identificação de coisas e pessoas, produtos e serviços, indivíduos e grupos.

Nesta fase tão importante para a identificação e autoafirmação, que é a adolescência, a cultura do consumo demonstra-se bastante útil e relevante para os jovens fornecendo, cada vez mais, recursos para a criação de identidades. O jovem procura, através dos produtos e serviços que consome, expressar seu estilo de ser e de pensar, suas atitudes, o grupo ao qual pertence e quem ele é na verdade.

Atualmente, aos seis anos um indivíduo é considerado consumidor. Nesse momento as crianças já possuem voz ativa na hora de tirar um produto das prateleiras do supermercado. Para cada dez crianças de até 13 anos, sete consomem itens específicos. Além destes produtos originalmente ligados a este público alvo, como comida, música ou moda, marcas de produtos

voltados ao público adulto, como móveis, automóveis, eletrodomésticos e viagens focam em táticas direcionadas aos jovens (KRUMMENAUR 2003).

Vale ressaltar que as crianças e adolescentes da atualidade são marcados por uma característica acentuada que é a inovação tecnológica, estando estes jovens em mudança constante, principalmente em relação aos comportamentos de consumo.

Conforme Melo (2006, apud Mengarelli, 2008. p.2) “Com a capacidade inerente de se adaptar às novidades, sobretudo aquelas estimuladas pelo universo digital, entre outros fatores, este público se cansa rapidamente das ‘velhas’ práticas e exige soluções diferentes a todo momento”

Estas premissas colocadas anteriormente tornam os jovens agentes movimentadores de outro mercado bilionário, o da publicidade. Novos estilos de propaganda surgiram para relacionar os atributos dos produtos as características almejadas pelos jovens consumidores

Outros fatos:

Pessoas com menos de 25 anos trocam de aparelho celular anualmente, enquanto as mais velhas, a cada dois anos. Em relação às bicicletas apesar dos adolescentes não serem os maiores compradores do setor, aposentam uma bicicleta a cada quatro anos. Os mais velhos só mudam de selim de sete em sete anos. Diante de tantas evidências, não causa surpresa que o gasto médio das famílias brasileiras seja maior nas casas em que moram adolescentes de 13 a 17 anos (RUBENS, 2003, p.18).

Considerando o mercado financeiro, existe hoje no uma vasta game de produtos destinados aos jovens, indo de contas bancárias, passando por investimentos em ações, contratadas pelos pais e que só podem ser resgatados quando o jovem atingir a maioridade, até cartões de crédito pré-pagos e uma mesada eletrônica, onde os pais autorizam uma quantia pré-definida para ser depositada na conta do jovem mensalmente.

2.6 GANHOS EM ENSINAR FINANÇAS PESSOAIS AOS JOVENS

Cerbasi (2003) aponta que um bom planejamento financeiro individual instruído aos jovens beneficia o mentor do plano pois propicia uma economia de recursos que podem ser investidos na compra da casa própria, no financiamento dos estudos dos filhos, na aquisição de ativos e na preparação para a aposentadoria. Garantindo a construção de um futuro sólido, assim como uma vida mais tranquila.

Quanto aos filhos, Cerbasi (2003) coloca que estes por sua vez ganham, pois no lugar de herdarem bens, que podem ser aproveitados da maneira incorreta, eles herdam renda, ativos que podem continuar crescendo. Além de mudarem seu comportamento em relação a responsabilidades. É fácil notar como ficam mais cuidadosos com seus itens pessoais, roupas e dinheiro.

Também é comum a adoção de cofres ou poupanças, muitos abandonam ou reduzem o hábito de colecionar itens por puro impulso ou tendência, ficam atentos aos preços das coisas, assim como aos desperdícios de água, energia e alimentos, preocupando-se mais com a natureza e mostrando maior maturidade e consciência com a importância da poupança para o seu futuro.

Modernell (2011) enfatiza o aprendizado em poder diferenciar necessidades de desejos e a perceber as limitações criadas pelo dinheiro. Também destaca a importância de aprender a fazer escolhas, aproveitar oportunidades, buscar formação e informação alinhadas aos sonhos e diversas vezes a adiar desejos momentâneos para concretizar um objetivo importante. Todos hábitos financeiros saudáveis repelem o consumo desenfreado.

O ensino financeiro dos jovens também impacta na estrutura familiar, Segundo Cerbasi (2006, p.20), “[...]na cabeça das crianças, o trabalho que afasta seus pais de seu convívio é o preço a pagar para ter muito dinheiro e poder comprar muitas coisas.”

Suposições como essa prejudicam as relações de pais e filhos, dando origem a demonstrações puramente materiais como forma de medida e compensação de amor. Estes eventos desdobram-se em filhos acostumados a terem tudo que desejam, para após se tornarem pessoas despreparadas para lidar com as frustrações da vida adulta.

E por último, Cerbasi (2003) menciona a economia, que como um todo ganha, pois seja através dos bancos pôr meio de planejamentos maiores em investimentos de ativos, de corretoras se a opção de investimento escolhida for um imóvel, ou de empresas de gerenciamento de carteiras de ações e/ou títulos. A partir do momento em que as pessoas tomam consciência do quão importante é poupar e investir haverá mais dinheiro disponível movimentando a economia.

2.7 RESULTADOS DE PESQUISAS ANTERIORES

Esta pesquisa tem fortes influências do trabalho de Krummenauer (2011), em virtude das diversas semelhança apresentadas. Dando destaque aos objetivos e a população-alvo.

Inclusive o instrumento de coleta de dados utilizado foi uma adaptação do desenvolvido pela autora.

Devido a isto, aqui são apresentados alguns dos principais resultados encontrados no referido trabalho com a finalidade de que os mesmos possam ser utilizados como base de comparação com os resultados encontrados na presente pesquisa, e assim enriquecer o campo de estudos.

Tendo como amostra adolescentes que frequentam o ensino médio escolar, na faixa etária de 14 a 19 anos, residentes do município de Sapucaia do Sul – RS, Krummenauer (2011) afirma que mesmo os jovens já inclusos no mercado de trabalho, responsáveis pela administração do próprio dinheiro, não aplicam a educação financeira no início de suas vidas financeiras.

Outro dado relevante obtido é o valor de 62% de jovens dependentes exclusivamente do dinheiro recebido dos pais para fazer os seus consumos. Em relação às proporções dos que possuem algum tipo de poupança os valores ficam entre 10% e 30% do total recebido.

E uma última conclusão importante refere-se aos jovens do estudo concordarem entre si que os pais são os principais provedores das informações financeiras que estes detêm.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho: o tipo de pesquisa, a delimitação da população estudada assim como, o processo de amostragem, o instrumento e o método utilizado para a coleta de dados, as técnicas e procedimentos empregados para o tratamento e análise dos dados.

3.1 MÉTODO ESCOLHIDO E JUSTIFICATIVA

Silva e Menezes (2001) afirmam que uma pesquisa pode ser classificada quanto à sua natureza, seu objetivo, sua forma de abordagem do problema e quanto aos seus procedimentos técnicos. Conforme Gil (2002) a natureza da pesquisa se desenvolve de forma básica ou pura, quando objetiva gerar novos conhecimentos para avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Enquanto a pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos.

Quanto aos objetivos, segundo Gil (2002, p. 42) "As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis". Hair et al (2005) complementam que o plano de pesquisa descritiva é estruturado e especificamente criado para medir características descritivas em uma questão de pesquisa.

Assim sendo, a presente pesquisa se classifica como descritiva, pois será aplicada sobre um determinado grupo, os adolescentes que cursam o ensino médio escolar, para analisar aspectos variados relacionados à educação financeira. E descrever o comportamento deste grupo de jovens, frente a suas finanças.

A abordagem do problema será essencialmente quantitativa, pois segundo Gil (2002) a pesquisa quantitativa enfatiza a utilização de dados padronizados, permitindo elaborar comparações e generalizações, para isso a análise de dados é realizada pelo uso de métodos estatísticos.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como levantamento de campo de acordo com a definição de Gil (2002, p. 50), "as pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer".

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram elencados como população-alvo da pesquisa os formandos do ensino médio residentes na região do Vale do Caí, no estado do Rio Grande do Sul. Definiu-se essa população-alvo por estes jovens estarem em um momento de transição em que são ingressantes no mercado de trabalho e/ou na vida acadêmica de nível superior, assim detendo o poder de mudança da cultura financeira instalada no Brasil.

A amostra foi definida através da técnica não-probabilística, de amostragem por conveniência que segundo Hair et al (2005), é feita entre os indivíduos que estão mais disponíveis para participar do estudo e que sejam capazes de fornecer as informações necessárias.

Sendo assim os dados foram coletados nos seguintes municípios do Vale do Caí: Bom Princípio, Feliz e São Sebastião do Caí, devido a estes serem os três maiores municípios da região e por isso agregarem estudantes residentes nos demais municípios, representando assim a amostra da pesquisa.

Foi obtida uma amostra com 321 respondentes, dos quais 18 foram eliminados por apresentarem dados ausentes. Desta forma, a amostra final foi composta por 303 questionários válidos.

3.2.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS:

Conforme Vergara (2000), a coleta de dados é a etapa em que se utiliza de alguma técnica para a busca de dados que respondam ao problema.

Na presente pesquisa, a coleta de dados foi realizada através de um questionário (Apêndice A), adaptado de Krummenauer (2011), com perguntas fechadas, como se pode verificar no Apêndice, aplicado aos formandos do ensino médio. Foi utilizado o método de pesquisa survey, que conforme descrito por Hair et al (2005) consiste na obtenção dos dados primários sobre características, comportamentos ou opiniões de uma amostra representante de um público alvo normalmente por meio de questionários. Permitindo a partir destes dados, descrições quantitativas de uma população.

3.2.2 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:

Os dados da pesquisa foram obtidos nas seguintes instituições: no Colégio Estadual Professor Jacob Milton Bennemann, no município de Feliz/RS; na Escola Estadual de Ensino Médio Felipe Camarão e no Instituto Estadual de Educação Paulo Freire, ambos no município de São Sebastião do Caí/RS; e na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José Becker, no município de Bom Princípio/RS. A coleta deu-se durante os meses de abril e maio de 2017.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz (IFRS), não foi incluso na pesquisa devido aos alunos cursarem a modalidade de ensino médio integrado ao técnico. Prezando assim, pela homogeneidade da amostra.

Os questionários foram auto administrados, tendo sido preenchidos pelos próprios respondentes. O pesquisador acompanhou pessoalmente o processo de resposta dos instrumentos de pesquisa. As salas de aula foram mantidas em silêncio enquanto os questionários eram respondidos, não havendo discussões ou troca de impressões entre os participantes da pesquisa.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

As análises dos dados foram realizadas através de três etapas, primeiro foi identificado o perfil da amostra através de estatística descritiva, dividindo-a em grupos conforme as variáveis de perfil.

Na sequência utilizou-se a técnica de correlação de Pearson entre as variáveis. Conforme Pestana e Gageiro (2003) o coeficiente de correlação de Pearson mensura a associação linear entre duas variáveis métricas variando de -1,00 a +1,00, sendo variações do coeficiente de entre 0,01 e 0,2 consideradas associação muito baixa; entre 0,2 e 0,39 são classificadas como associações baixas; entre 0,4 e 0,69 são designadas associações moderadas; entre 0,7 e 0,89 são consideradas associações altas; e entre 0,9 e 1 são classificadas como associações muito altas.

Por último foi realizada uma comparação das médias das variáveis de estudo em relação a cada um dos agrupamentos gerados pelas variáveis do perfil econômico.

Todos os dados foram analisados através dos softwares Microsoft Office Excel 2016 e IBM SPSS Statistics – Versão 20.0.0.0.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises dos dados coletados e os resultados obtidos, através dos quais procurou-se atender aos objetivos da pesquisa.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

4.1.1 PERFIL DEMOGRÁFICO

Para o cumprimento do objetivo específico ‘a’ de identificar o perfil dos estudantes do ensino médio de escolas públicas do Vale do Caí utilizaram-se as variáveis gênero, idade e com quem reside, como se pode verificar na Tabela 1 que apresenta as principais informações de perfil da amostra.

Tabela 1: Variáveis de Perfil

Perfil da Amostra			
Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Gênero	Feminino	170	56%
	Masculino	133	44%
Idade	16 anos	79	26%
	17 anos	166	55%
	18 anos	44	14%
	19 anos	14	5%
Mora com	Pai e mãe	261	86%
	Mãe	16	5%
	Pai	5	2%
	Outro	21	7%

Fonte: Dados da Pesquisa

Através da tabela é possível perceber que a amostra é composta por adolescentes entre 16 e 19 anos. Sendo a maioria do gênero feminino e residente com ambos os pais.

4.1.2 PERFIL ECONÔMICO

Para atender objetivo específico ‘b’, identificar o perfil econômicos dos estudantes do Vale do Caí, foram mensuradas as parcelas da amostra que recebem mesada e que recebem salário. Conforme demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2: Fonte de Renda

Fonte de renda			
Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Mesada	Sim	203	67%
	Não	100	33%
Salário	Sim	127	42%
	Não	176	58%

Fonte: Dados da Pesquisa

A respeito da fonte de renda, pode-se notar uma grande diferença numérica dentre o grupo que recebe mesada em comparação ao que não recebe, enquanto para o exercício de alguma atividade remunerada (trabalho ou estágio) os grupos se dividem de uma forma mais igualitária.

A fim de verificar de uma forma mais detalhada a relação entre os que são remunerados devido a atividades profissionais e os que recebem mesada foi realizado em teste lógico no software Microsoft Excel 2016, sendo obtidos os seguintes resultados demonstrados na Tabela 3.

Tabela 3: Relação entre valores recebidos

Relação entre valores recebidos		
Valores	Frequência	Percentual
Não recebem valores contínuos	68	22%
Somente remuneração	32	11%
Somente mesada	108	36%
Remuneração + Mesada	95	31%

Fonte: Dados da Pesquisa

Como visto nos resultados 22% dos respondentes não tem um ganho fixo de dinheiro, enquanto 36% recebem somente a mesada como valor constante. Uma conclusão semelhante à de Krummenauer (2011), referente ao fato de a maioria dos jovens dependerem exclusivamente

dos valores de mesada. Embora haja uma diferença significativa de proporções, sendo os 36% deste estudo bem inferiores aos 62% obtidos pela autora.

Dentre os 127 respondentes que exercem atividade remunerada, apenas 32 (25%) tem o pagamento como fonte exclusiva de renda. Ainda dentro deste grupo de 127 respondentes a maioria é remunerado em valores acima de R\$ 450,00 ¹, conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4: Valores de remuneração

Faixa de Renda		
Valores	Frequência	Percentual
Entre R\$ 250,00 e R\$ 450,00	57	45%
Acima de R\$ 450,00	70	55%

Fonte: Dados da Pesquisa

Também foi perguntado aos respondentes se eles constituem reservas de dinheiro, em que porcentagens aproximadas e quais as finalidades destas reservas. Para as duas primeiras perguntas os dados constam nas Tabelas 5 e 6 abaixo.

Tabela 5: Reservas de dinheiro

Possui reserva de dinheiro		
Valores	Frequência	Percentual
Nunca teve	92	30%
Já teve anteriormente	85	28%
Tem atualmente	126	42%

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 6: Tamanho das Reservas

Porcentagem de quanto economiza		
Valores	Frequência	Percentual
Não economizam	55	18%
Economizam 10%	49	16%
Economizam 15%	49	16%
Economizam 30%	44	15%
Economizam 50%	41	14%
Economizam mais que 50%	65	21%

Fonte: Dados da Pesquisa

¹ Valor definido pelo arredondamento do valor R\$ 468,50. A metade do atual salário mínimo Brasileiro.

A partir da análise dos dados demonstrados na Tabela 5, percebeu-se que a maioria dos respondentes tem reserva de dinheiro (42% da amostra) ou já teve anteriormente (28%). Sobre o tamanho das reservas há uma certa equivalência entre os percentuais, no entanto, destaca-se a faixa daqueles que economizam mais que 50%, com 21% dos respondentes.

O hábito de economizar também foi encontrado na pesquisa de Krummenauer (2011), com as devidas diferenças nos percentuais investidos nas reservas. Neste trabalho maioria dos jovens aplicam mais de 50% de sua renda em formas de poupança, já na pesquisa da autora o valor investido pela maioria fica na faixa de 10% a 30%.

Quanto à finalidade destas reservas foi traçada uma correlação entre o percentual economizado e a aquisição de bens de alto valor. Para isso foi necessário converter os valores da pergunta “**Qual é a percentagem aproximada, que você guarda do seu dinheiro?**”, para que se configurassem de forma escalar sendo assim possível a aplicação da técnica de correlação.

Tanto o processo de recodificação de valores quanto a análise de correlação foram efetuadas através do software IBM SPSS Statistics – Versão 20.0.0.0.

Quadro 1: Correlação dos Fatores Ligados à Reserva de Dinheiro

Correlations		
		Percentual investido na reserva
Poupança para aquisição de bens	Pearson Correlation	0,908
	Sig. (2-tailed)	0,007
	N	303

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme demonstrado no Quadro 1, o valor da correlação entre o percentual investido em um reserva e a poupança para adquirir um item de maior valor, é alto ($r = 0,908$), demonstrando uma forte correlação ou associação entre as variáveis, assim como a correlação é significativa como indicada pelo valor de $p = 0,007$. Indicando assim que quanto maior a intenção de adquirir um item de alto valor, maior o percentual investido na reserva.

Para finalizar a descrições do perfil da amostra, a Tabela 6 demonstra os resultados da influência dos pais no gasto do dinheiro dos respondentes.

Tabela 7: Conselhos financeiros

Recebem conselhos financeiros dos pais		
Valores	Frequência	Percentual
Não	108	36%
Sim - Tem autonomia	103	34%
Sim - Gasta conforme orientado	92	30%

Fonte: Dados da Pesquisa

Como exposto na Tabela 6 os valores se dividem de forma muito similar. Com 36% dos respondentes afirmando que os pais não estipulam regras, nem aconselham na forma quanto ao gasto do dinheiro. Já 34% afirmam que embora recebam instruções e conselhos, tem autonomia para utilizar seu dinheiro. E por último 30% dizem utilizar seu dinheiro conforme as instruções dos pais.

4.2 RELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS

Nesta seção é apresentado como as variáveis levantadas no instrumento de pesquisa se relacionam, para atender o objetivo específico ‘c’, demonstrando como a educação financeira impacta na vida dos jovens estudantes.

O primeiro passo da análise foi codificar o questionário no software IBM SPSS Statistics – Versão 20.0.0.0, nomeando as questões como as seguintes variáveis:

1. Você costuma poupar para adquirir um bem de maior valor? → **Poupança para aquisição de bens;**
2. Em relação a todo dinheiro que você recebe (trabalho/estágio + mesada), você costuma ficar sem dinheiro, e precisa de complemento? → **Ficar sem dinheiro;**
3. Quanto ao seu interesse por questões que envolvam dinheiro (planejamento financeiro, orçamento doméstico, finanças), considere a escala abaixo, e assinale em qual posição você se encontra: → **Interesse em Planejamento Financeiro.**

Após nomeadas, as variáveis foram testadas a fim de verificar se existe correlação entre as mesmas, como se pode verificar no Quadro 2.

Quadro 2: Correlação entre Variáveis

Correlations				
		Poupança para aquisição de bens	Ficar sem dinheiro	Interesse em Planejamento Financeiro
Poupança para aquisição de bens	Pearson Correlation	1	-,763	,993
	Sig. (2-tailed)		,017	,001
	N	303	303	303
Ficar sem dinheiro	Pearson Correlation		1	-,891
	Sig. (2-tailed)			,291
	N		303	303
Interesse em Planejamento Financeiro	Pearson Correlation			1
	Sig. (2-tailed)			
	N			303

Fonte: Dados da Pesquisa

A partir dos resultados obtidos, demonstrados no Quadro 2, pode-se afirmar que:

Existe uma forte correlação negativa ($r = -0,763$) entre as variáveis *Poupança para aquisição de bens* e *Ficar sem dinheiro*. O que pode ser descrito como, quanto maiores os esforços e hábitos de poupar dinheiro para adquirir bens de alto valor, menores são as ocasiões em que a renda total dos respondentes é insuficiente.

Existe uma forte correlação positiva ($r = 0,993$) entre as variáveis *Poupança para aquisição de bens* e *Interesse em Planejamento Financeiro*. Novamente, quanto mais intrínseco for o hábito de economia e planejamento para efetuar uma grande compra, significa que maior é o interesse pelos assuntos que envolvam dinheiro e finanças pessoais.

Existe uma forte correlação negativa ($r = -0,891$) entre as variáveis *Ficar sem dinheiro* e *Interesse em Planejamento Financeiro*. Porém o p valor não é significativo ($p = 0,291$), indicando a probabilidade (29,10%) de o efeito observado ser devido puramente ao acaso, e não aos fatores que estão sendo estudados.

Com os valores destas correlações é possível notar a importância do domínio dos conceitos financeiros. A partir deste conhecimento se desenvolve o hábito do planejamento econômico que por sua vez reduz os índices de endividamento.

4.2.1 DIFERENÇAS ENTRE AS VARIÁVEIS DE PERFIL ECONÔMICO

Nesta seção são descritas as mudanças dos valores médios das variáveis de estudo em relação as diferenças de perfil econômico da amostra, a fim de cumprir o objetivo específico ‘d’, como os estudantes do ensino médio tratam suas finanças.

4.2.1.1 FONTES DE RENDA

Relacionando as variáveis de estudo com as diferentes fontes de renda dos respondentes obtiveram-se os resultados expostos na sequência.

Quadro 3: Diferenças de Médias para Valores Monetários Recebidos

Médias para Valores Monetários Recebidos				
	Não recebem valores contínuos	Somente remuneração	Somente mesada	Remuneração e Mesada
Poupança para aquisição de bens	1,84	2,93	2,80	3,55
Ficar sem dinheiro	1,20	3,24	2,86	2,89
Interesse em Planejamento Financeiro	2,07	3,22	3,44	3,28

Fonte: Dados da Pesquisa

O principal destaque deste quadro é o valor médio bem abaixo dos demais da variável *Poupança para aquisição de bens* ($M = 1,84$) quando esta é enquadrada no segmento que não recebe mesada nem exerce atividade remunerada. O que indica que possuir uma renda fixa e constante contribui para o entendimento da necessidade de economizar para adquirir um bem de maior valor. Pelo mesmo motivo se entende a baixa média da variável *Ficar sem dinheiro* ($M = 1,20$) já que esses respondentes não possuem um valor que possa se esgotar.

Ao analisar os demais valores médios da variável *Ficar sem dinheiro* o maior valor médio, que indica maior índice de ocasiões nas quais os respondentes ficam sem dinheiro, se deu ao grupo que tem apenas o valor pago pela atividade profissional como fonte de renda ($M = 3,24$), enquanto para os outros dois grupos a diferença não foi significativa.

Já para a variável *Poupança para aquisição de bens*, o grupo que recebe a mesada e também exerce atividade remunerada apresentou o maior valor ($M = 3,55$). Indicando que estes procuram o mercado de trabalho com o intuito de aumentar as fontes de renda e assim formar desde cedo suas reservas de capital.

Quanto ao *Interesse em Planejamento Financeiro*, o grupo que apresentou maior escore médio, portanto maior interesse e envolvimento nas questões financeiras pessoais e domésticas, foram os que formam sua renda somente com a mesada recebida ($M = 3,44$), o que indica uma possível preocupação destes pais e responsáveis ao ministrar a mesada aos jovens. O menor valor se deu novamente para o grupo que não possui nenhum tipo de renda, ($M = 2,07$) apontando mais uma vez as desvantagens desta lacuna.

4.2.1.2 FAIXA DE REMUNERAÇÃO

Quadro 4: Diferenças de Médias para Faixa de Renda Mensal

Médias para Faixa de Renda Mensal			
	Abaixo de R\$ 250,00	Entre R\$ 250,00 e R\$ 450,00	Acima de R\$ 450,00
Poupança para aquisição de bens	2,97	2,99	2,96
Ficar sem dinheiro	3,00	2,99	3,31
Interesse em Planejamento Financeiro	3,46	3,13	3,12

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando a variável *Poupança para aquisição de bens* os valores médios são muito próximos e não apresentam diferença significativa entre si. Concluindo-se então que o valor recebido não tem influência no hábito de criar uma reserva econômica.

Para a variável *Ficar sem dinheiro*, o grupo que apresenta diferença significativa perante os demais é o dos respondentes que recebem valores acima de R\$ 450,00. Indicando uma possível falta de preparo para lidar com valores mais elevados de dinheiro em relação aos outros dois grupos.

E para o *Interesse em Planejamento Financeiro* o grupo que apresenta maior valor médio é o daqueles que são remunerados com menos de R\$ 250,00 ($M = 3,46$). Apontando uma busca de conhecimento de forma a aproveitar de forma mais eficaz os recursos disponíveis. Para os outros dois grupos novamente os valores não apresentaram diferença significativa.

4.2.1.3 RESERVAS ECONÔMICAS

Quadro 5: Diferenças de Médias para Possuir Reservas Econômicas

Médias para Possui Reservas Econômicas			
	Nunca teve	Já teve anteriormente	Tem atualmente
Poupança para aquisição de bens	2,12	2,90	3,52
Ficar sem dinheiro	2,97	3,23	3,05
Interesse em Planejamento Financeiro	3,02	3,18	3,33

Fonte: Dados da Pesquisa

Na variável *Poupança para aquisição de bens* o maior valor médio pertence ao grupo que atualmente utiliza meios para reservar seu capital ($M = 3,52$). Enquanto aqueles que nunca tiveram nenhum tipo de reserva econômica apresentam o menor valor médio ($M = 2,12$).

Quanto a *Ficar sem dinheiro*, o grupo que já teve reservas econômicas e atualmente não tem mais, apresenta o maior valor médio ($M = 3,23$). Indicando um possível gasto dos valores economizados para complementar a atual falta de dinheiro. O menor valor ($M = 2,97$) ficou com o grupo que nunca teve reservas. Pelo mesmo motivo provavelmente, utilizando todo o valor possuído nos gastos cotidianos.

Para a variável *Interesse em Planejamento Financeiro* o maior valor médio é para o grupo que possuiu atuais reservas econômicas ($M = 3,33$). Demonstrando um interesse em manter uma estabilidade financeira. Já o menor valor foi o do grupo que nunca teve reservas ($M = 3,12$). Indicando que estes não têm o conhecimento da importância de criar uma reserva monetária.

Quadro 6: Diferenças de Médias para Percentual das Reservas

Médias para Percentual das Reservas					
	Economizam 10%	Economizam 15%	Economizam 30%	Economizam 50%	Economizam mais que 50%
Poupança para aquisição de bens	2,32	2,92	2,98	2,93	3,98
Ficar sem dinheiro	3,04	3,00	3,00	3,01	3,04
Interesse em Planejamento Financeiro	4,36	4,35	4,37	4,39	4,40

Fonte: Dados da Pesquisa

Para a variável *Poupança para aquisição de bens*, o maior valor médio ($M = 3,98$) foi apresentado pelo grupo que investe mais da metade de sua renda em uma reserva. O que indica a intenção de formar rapidamente um montante para aquisição de um bem. Enquanto o menor valor ficou justamente no grupo que compromete apenas 10% de sua renda em uma reserva ($M = 2,32$) indicando que esta reserva provavelmente se destina a outros fins.

Para as variáveis *Ficar sem dinheiro* e *Interesse em Planejamento Financeiro* as diferenças de média não apresentaram significância. Entretanto, pode-se observar que na variável *Interesse em Planejamento Financeiro* todos os valores médios apresentaram um alto escore, indicando novamente que o hábito de criar uma reserva monetária está intrinsicamente ligado ao interesse pelo assunto. Indo ao encontro da teoria de Cerbasi (2003), quando afirma que a formação de poupanças é um dos principais benefícios de educar financeiramente.

4.2.1.4 INFLUÊNCIA FAMILIAR

Quadro 7: Diferenças de Médias para Influência dos pais

Médias para Influência dos pais			
	Não possui nenhuma	Sim - Mas tem autonomia	Sim - Gasta conforme orientado
Poupança para aquisição de bens	2,90	3,07	3,05
Ficar sem dinheiro	3,18	3,03	3,04
Interesse em Planejamento Financeiro	3,32	3,14	3,16

Fonte: Dados da Pesquisa

No que é relacionado à influência familiar, seja através de regras ou conselhos de como administrar o dinheiro, somente o grupo que não recebe nenhum tipo de orientação obteve diferenças de média significantes.

O que é possível observar deste quadro é que enquanto para a variável *Poupança para aquisição de bens* o valor médio é o menor dentre os grupos ($M = 2,90$), para as outras duas são apresentados os maiores valores médios ($M = 3,18$) para *Ficar sem dinheiro* e ($M = 3,32$) para *Interesse em Planejamento Financeiro*. O que indica o desejo destes jovens de obter estes conhecimentos que são transmitidos pelos pais, e então reverterem o quadro atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial teórico averiguado para este estudo percebeu-se que as crianças e os adolescentes entram em contato com o uso do dinheiro cada vez mais cedo. E muitas vezes os pais ou os responsáveis pela criação destes jovens não possuem o conhecimento necessário para lidar com a educação financeira, devido as ainda recentes sequelas deixadas por décadas do caos econômico vivido no Brasil. E assim como estes pais, as escolas nem sempre possuem os requisitos para lidar com o assunto, ficando mais a critério pessoal dos docentes que tenham a iniciativa de desenvolver o tema em suas aulas.

Ao tentar entender como os jovens se relacionam com o mundo financeiro esta pesquisa teve como objetivo analisar como os adolescentes administram seu dinheiro. E para tal um grupo formado por 303 jovens formandos do ensino médio residentes da região do Vale do Caí no estado do Rio Grande Sul foram analisados.

Os dados obtidos possibilitaram a formação de inúmeras conclusões, a começar pela relação da educação financeira provida pelos pais. Como verificado pela maioria (36%) dos adolescentes pesquisados, os pais não participam ativamente da vida financeira destes jovens, ainda assim estes procuram suprir essa carência.

Visto que grande parte destes jovens (32%) já estão inseridos no mercado de trabalho, justamente para investir ativamente na construção de seus ativos, seja por forma da dedicação de valores superiores a metade da remuneração recebida, ou através do planejamento da compra de itens de alto valor. Ou sendo ainda o outro grande grupo (36%) que se organizando em torno do valor de mesada recebido de forma constante, o interesse por assuntos relacionados a educação financeira parece ser uma demanda constante.

Se contrapondo a esta informação outra parcela destes jovens (22%) que não possui esse padrão de remuneração e recebe seu dinheiro conforme a necessidade, é descrita por baixos níveis de interesse aos assuntos financeiros, assim como por baixos índices de planejamento e nunca desenvolveram o hábito de economizar dinheiro.

Esta pesquisa por ter sido realizada com uma amostragem pequena e não probabilística possui certas limitações. A amostra compreende jovens da região do Vale do Caí não sendo possível considerar os resultados obtidos como universais, porque o mesmo questionário, se aplicado em outras localidades, pode, em vista, da cultura local, apresentar resultados diferentes. Além desta, outra dificuldade encontrada foi na forma de analisar os dados da amostra e descrever os resultados obtidos já que não foi permitida a divulgação de alguns itens

referentes as ações das escolas no processo de educação financeira, o que impossibilitou a análise de como os gestores escolares tratam esse assunto.

Neste sentido, sugere-se para pesquisas posteriores o aumento do tamanho da amostra ou a aplicação do estudo em outras regiões geográficas, além disso pode-se empreender a pesquisa tendo como público-alvo os pais ou responsáveis pelos alunos.

Conforme referenciado no desenvolvimento teórico ao analisar os resultados deste trabalho com os obtidos por Krummenauer (2011), observa-se algumas conclusões semelhantes tais como, o fato de a maioria dos jovens dependerem exclusivamente dos valores de mesada, embora com uma grande diferença de proporções. O hábito de economizar também foi encontrado em ambas as pesquisas, desta vez com diferenças no percentual da renda investido na reserva.

No que diz respeito às divergências, destaca-se a aplicação dos conceitos de educação financeira pelos jovens que já fazem parte do mercado de trabalho, aqueles analisados neste estudo demonstram um conhecimento e aplicações intrínsecas de educação financeira o que não é o caso da amostra de Krummenauer. Outra importante diferença está na participação dos pais do processo de educação, para os jovens de Sapucaia do Sul os pais são a principal fonte de informações sobre o tema, o mesmo não é afirmado pelos jovens do Vale do Caí.

Além destas comparações, é importante notar que a maior parte da literatura que baseou este trabalho foi desenvolvida na última década, o que representa uma grande mudança na cultura brasileira. Os hábitos herdados de anos inflacionários começam vagarosamente a desaparecer e os jovens ao construírem conhecimentos específicos de educação financeira poderão instaurar essa mudança. Nesse sentido pais e escolas tem a missão de formar gerações, financeiramente, responsáveis de forma estável, tranquila e consciente.

REFERÊNCIAS

BÔAS, Bruno Villas. **Alunos que recebem aulas de finanças pessoais estão mais preparados para lidar com dinheiro.** O GLOBO, 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-que-recebem-aulas-de-financas-pessoais-estao-mais-preparados-para-lidar-com-dinheiro-2788927>>. Acesso em: 11 de setembro de 2016.

CABRAL, Bárbara Barbosa. Educação financeira: O primeiro passo para o consumo consciente. **Acadêmico Mundo Multidisciplinar**. Bahia, ano 01, n. 2, out. 2013.

CARRION, Francisco. **Real: o outro lado da moeda**. Porto Alegre: Foco Editorial, 1998.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. 82o ed. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. **Dinheiro: Os segredos de quem têm**. 7o ed. São Paulo: Gente, 2003.

CERBASI, Gustavo. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos**. São Paulo: Gente, 2006.

D'AQUINO, Cássia. **Educação Financeira: como educar seus filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: Você é o maior responsável**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus: 1999.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence Jeffrey. **Princípios da administração financeira**. 10 ed. São Paulo: Pearson Adilson Wesley, 2004.

HAIR, J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KIOYOSAKI, Robert T.; Lechter, S.L. **Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** Ed. 66°, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KRUMMENAUER, L. D. **Educação Financeira Para Adolescentes Do Ensino Médio Em Sapucaia Do Sul.** 154 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Ciências Contábeis, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2011.

LOPES, J. C.; ROSSETTI, J. P.. **Economia monetária.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUCCI, Cintia Retz. et al. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos.** 12 p. Dissertação – Faculdade de Administração, Universidade de São Paulo, 2011.

MARTINS, José Pio. **Educação financeira ao alcance de todos.** São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: O Programa de Educação Financeira Do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal.** 2007. Dissertação – Mestrado em Ciência de da Informação – Universidade de Brasília, 2007.

MENGARELLI, A. P. C. **Dimensões da Personalidade de Marca: Construção e Validação de uma Escala Adaptada aos Consumidores Adolescentes.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 32., Rio de Janeiro, RJ, 2008. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

MODERNELL, Álvaro. **Como implantar Educação Financeira nas escolas?** Disponível em <http://www.nota10.com.br/Artigos-detalhes-Nota10_Publicacoes/6374/como_implantar_educacao_financeira_nas_escolas_> Acesso em 18 de setembro 2016.

MODERNELL, Álvaro. **Por que educação financeira para seus filhos?** Disponível em:<<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em: 01 de maio 2017

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies**. 181 p. Paris, 2005.

OLIVEIRA, M. V. S. S. **A Corrente do bem da educação financeira: o cidadão está aprendendo o que o Banco Central está ensinando?** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 36., Rio de Janeiro, RJ, 2012. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

OLIVEIRA, M.M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. 16 f. Artigo – Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia, 2008.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 3. ed. Editora Silabo: Lisboa, 2003.

RAMOS, Kleyson. **A importância do ensino de finanças nas escolas do Brasil**. LinkedIn, 2015. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/import%C3%A2ncia-do-ensino-de-finan%C3%A7as-nas-escolas-brasil-kleyson-ramos>> Acesso em 13 de julho de 2017.

ROBERT, Jozsef. **A origem do dinheiro**. 1º ed. São Paulo: Editora Parma Ltda, 1982.

ROCHA, E.; BARROS, C. F. **Dimensões Culturais do Marketing: Teoria Antropológica, Estudos Etnográficos e Comportamento do Consumidor**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 24., Curitiba, PR, 2004. Anais. Curitiba: ANPAD, 2004.

RUBENS, Pedro. **Eles gastam muito**. *Revista Veja Jovens – Edição Especial*. São Paulo, Editora Abril, jul. 2003.

SAITO, A. T.; SAVOLA, J. R.; PETRONI, L. M. **A educação financeira no Brasil sob a ótica da organização de cooperação e desenvolvimento econômico (OCDE)**. IX SEMEAD, 2006, São Paulo.

SANT'ANNA, A. S. **Competências individuais requeridas, modernidade organizacional e satisfação no trabalho: Uma análise de organizações mineiras sob a ótica de profissionais da área de administração.** Tese – Doutorado em Administração – CEPEAD, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SAVOIA, J. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** RAP, Rio de Janeiro, v.41, n.6:1121-41, Nov/Dez. 2007.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, M. A.; VASCONCELOS, M. C. R. L. **Competências Individuais Requeridas na Sociedade do Conhecimento: um Estudo de Caso com Alunos Formandos no Ensino Médio.** In: Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica – ANPAD, 25, Brasília – DF 2008. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

SOUKI, G. Q.; NETO, J. B. **Desenvolvimento e Validação de uma Escala para Avaliação da Qualidade Percebida por Estudantes de Instituições de Ensino Médio.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 31., Rio de Janeiro, RJ, 2007. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIDA E DINHEIRO. **O que é ENEF?** Disponível em: < <http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/RelatorioEstatisticoENEF.pdf> > Acesso em 11 de março. 2017.

VIEIRA, S. F. A. et al. **Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná.** Revista de Administração da UNIMEP, São Paulo, v.9, n.3, p. 61-84, setembro/dezembro. 2011.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. **A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro.** Revista Intersaberes, v.6, n. 11, p. 155-170, 2011.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL CÂMPUS FELIZ
CURSO SUPERIOR EM PROCESSOS GERÊNCIAS
PESQUISA: UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO VALE DO CAÍ

1. Idade: ____ anos.

2. Gênero:

2.1 () Feminino

2.2 () Masculino

3. Mora com:

3.1 () Pai e mãe

3.3 () Apenas pai

3.2 () Apenas mãe

3.4 () Outro

4. Você exerce alguma atividade remunerada (trabalho/estagio):

4.1 () Não

4.2 () Sim

5. Quanto você recebe pela atividade remunerada:

5.1 () Até R\$ 200,00

5.2 () Entre R\$ 200,00 e R\$ 400,00

5.3 () Acima de R\$ 400,00

6. Você recebe mesada:

6.1 () Não

6.2 () Sim

7. Pensando em um cofrinho, ou outra forma de guardar dinheiro, você:

7.1 () Não tenho e nunca tive

7.2 () Já tive, não tenho mais

7.3 () Tenho e continuo usando

8. Qual é a porcentagem aproximada, que você guarda do seu dinheiro?

8.1 () Nada

8.4 () 30%

8.2 () 10%

8.5 () 50%

8.3 () 15%

8.6 () Mais de 50%

9. Sobre sua mesada, seus pais lhe dão algum tipo de regra, ou conselho de como utilizar o valor?

10.1 () Não, eu gasto o dinheiro da mesada da maneira como quiser

10.2 () Meus pais dão sugestões de como devo gastar, mas eu é que decido

10.3 () Meus pais me dão regras, de como devo gastar o valor, e gasto conforme instruções

10. Você costuma poupar para adquirir um bem de maior valor:

Não, meus pais () () () () () Sim, compro sempre
me dão estes itens com o meu dinheiro

11. Em relação a todo dinheiro que você recebe (trabalho/estagio + mesada), você costuma ficar sem dinheiro, e precisa de complemento?

Nunca () () () () () Sempre

12. Quanto ao seu interesse por questões que envolvam dinheiro (planejamento financeiro, orçamento doméstico, finanças), considere a escala abaixo, e assinale em qual posição você se encontra:

Não tenho interesse () () () () () Participo das atividades da família que envolvem dinheiro, além de me informar sobre o assunto

Anote seu e-mail para receber os resultados:

Agradeço pela colaboração! Não é preciso colocar nome.